



DO CORPO NATURALIZADO AO CORPO FRAGMENTADO: AFETOS E IDENTIDADES NA INTERNAÇÃO HOSPITALAR

Caroline dos Santos; Mariluzza Sott Bender

Introdução: A cultura contemporânea tem exercido uma influência significativa nas compreensões da díade saúde/doença, especialmente ao promover uma visão biomédica e individualista do corpo humano. A saúde é frequentemente entendida como um estado de perfeição física e funcional, enquanto a doença é vista como uma falha a ser corrigida. Nessa perspectiva, diante do processo do adoecimento do corpo, o sujeito gera uma representação simbólica de um momento negado pela sociedade contemporânea, que preza em demasia por um corpo sadio e perfeito. Essas repercussões tornam-se particularmente relevantes quando a pessoa adoecida é inserida no ambiente hospitalar. **Objetivo:** Analisar as manifestações psíquicas e as afetações do corpo em sujeitos hospitalizados, tendo em vista a influência da internação hospitalar e da cultura contemporânea nas compreensões sobre saúde e doença. **Métodos:** A pesquisa é estruturada como um estudo qualitativo e descritivo acerca das afetações de um corpo adoecido durante o período de hospitalização, permeado pela cultura contemporânea. A análise pauta-se em referências psicanalíticas para dar conta da amplitude de sentidos e simbolismos atribuídos ao processo do adoecer. **Resultado esperados:** A descoberta de um diagnóstico e/ou a necessidade do sujeito ser hospitalizado gera uma ruptura em sua vida cotidiana, modificando e atravessando o seu processo de envelhecimento, tendo em vista as várias contribuições culturais advindas do meio exterior sobre a autonomia e a produtividade. Durante o processo de adoecimento, a pessoa se depara com limitações diante dos sintomas manifestados pelo corpo e é barrada por um ambiente controlado por regras e protocolos. O sujeito adoecido responde, muitas vezes, passivamente aos comandos e rotinas estabelecidos pelo contexto no qual foi inserido. A equipe, muitas vezes, não consegue dar-se conta das fragilidades e afetações que aquele corpo sente, levando em consideração tão somente o tratamento e o tamponamento do mal estar, gerando uma fragmentação da própria identidade e noção de si no paciente. Nesse sentido, o corpo, que no cotidiano é vivido de maneira naturalizada, torna-se objeto de observação, manipulação e cuidado técnico. No hospital, ele passa a ser fragmentado em sinais vitais, exames e sintomas. Essa condição desperta afetos ambíguos: de um lado, a esperança de cura, e de outro, a angústia de confrontar-se com a vulnerabilidade e a dependência, reativando experiências de desamparo. **Conclusão:** A partir das questões discutidas, é possível afirmar que o corpo também é um campo simbólico, permeado de



afetos e atravessado por aspectos que vão para além do processo saúde-doença. Dessa forma, pensar o ambiente hospitalar a partir da Psicanálise é compreender que o cuidado não se esgota apenas na técnica, mas também leva em consideração a dimensão do desejo e da palavra como elementos tão fundamentais quanto os procedimentos clínicos.

Palavras chave: Hospitalização. Psicanálise. Corpo.